



## **A indústria de transformação brasileira durante a crise econômica**

**Marco Antonio Rocha  
Arthur Welle  
João Victor Machado**

Os resultados da Pesquisa da Indústria Anual 2017, lançada em junho, forneceu um interessante retrato preliminar sobre os efeitos da crise na indústria brasileira. Ainda que contendo os dados até 2017, a pesquisa apresentou algumas informações importantes sobre o processo de ajuste das empresas industriais ao cenário de crise. O longo processo de crise estrutural da indústria brasileira fez com que o setor produtivo sentisse a retração da economia de modo particularmente severo, avançando em um perfil de especialização setorial centrado na produção de bens de consumo não duráveis, com os efeitos da crise sendo mais acentuados justamente nos setores de insumos básicos e bens de capital.

A crise também levou a participação da indústria de transformação no PIB ao seu percentual mais baixo ao longo de mais de meio século. Para efeito de comparação, em 2017 a indústria de transformação foi responsável por cerca de 12% do valor adicionado total na economia brasileira, patamar próximo à participação da indústria nacional ao fim da década de 1940. A indústria de transformação, que já vinha perdendo participação no PIB desde o final da década de 1980, após 2008 teve reduzida de forma ainda mais acelerada sua participação no valor adicionado, com o atual patamar se estabilizando após 2014 em um nível, como dito, significativamente baixo em termos históricos.

Em relação ao começo da Crise Internacional de 2008, o único setor relevante que expandiu sua participação relativa no total da indústria de transformação foi a fabricação de produtos alimentícios. Vale notar que esse setor

também abrigou um intenso movimento de concentração da sua estrutura empresarial durante esses anos, com formação de pelo menos duas grandes empresas internacionalizadas – BR Foods e JBS – o que contribuiu para a consolidação de certa especialização setorial da indústria nacional ao longo dos anos pós-crise.

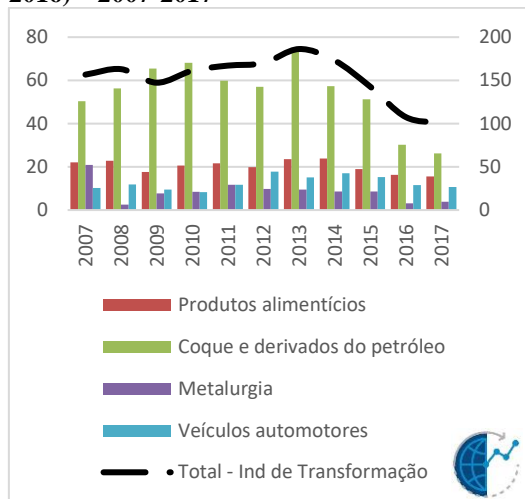
Segundo os dados do IBGE, essa especialização também ocorreu em termos regionais, sendo que das 27 Unidades da Federação, 16 delas possuem a fabricação de produtos alimentícios como a principal atividade industrial. A fabricação de produtos alimentícios tornou-se, por exemplo, a principal atividade da indústria de transformação de todos os estados da região Sul, além de Minas Gerais e São Paulo. Para a consolidação desse cenário, teve igualmente influência a forma como a crise afetou de forma desigual os setores industriais, atingindo de forma menos drástica os setores de menor elasticidade-renda, como os bens de consumo não-duráveis.

Os setores de bens de consumo também foram menos afetados pela suspensão do ciclo de investimentos da Petrobrás após 2014, mas que já havia dado sinais de redução do ritmo desde 2010. A redução da demanda exercida pelos investimentos da Petrobrás foi mais sentida nos setores que estavam diretamente ligados aos projetos de investimento, como os setores de metalurgia e produtos de metal, por exemplo. A evolução recente do investimento e da lucratividade da indústria de transformação reflete bem esse ponto.

Quando observada a evolução do investimento da indústria de transformação a partir do aumento líquido do estoque do ativo imobilizado (aquisições menos as baixas no estoque do ativo imobilizado), a queda é concentrada nos setores mais ligados a cadeia parapetroléira, com especial ênfase no setor metalúrgico e fabricação de coque e derivados do petróleo, no período posterior a 2014. Pelo menos analisando a aquisição de capital fixo pela indústria de transformação, a redução foi concentrada em

um conjunto relativamente pequeno de setores, embora tenha sido significativa nesses casos. Na maior parte dos setores relevantes, a taxa de investimento já estava em patamares significativamente baixos após a crise de 2008, tendo pouco variado nesse período.

**Gráfico 01 – Aquisição líquida de ativo imobilizado (em bilhões de reais, preços de 2016) – 2007-2017**



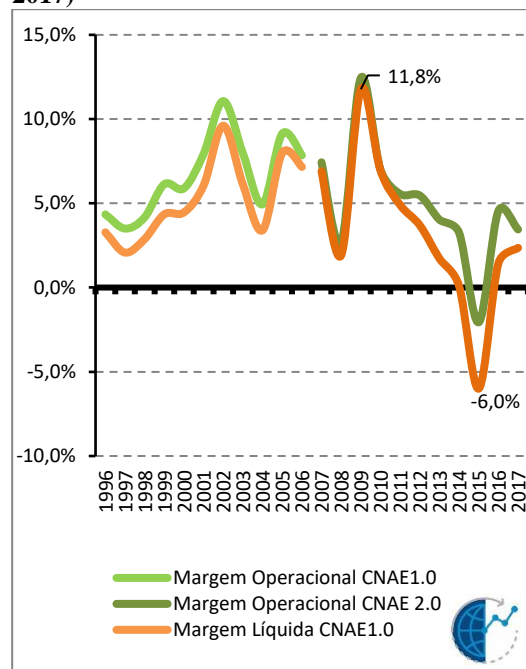
Fonte: Elaboração própria Cecon/IE-Unicamp, a partir da PIA-Empresa. (eixo direito: Total – Ind. de transformação).

A lucratividade da indústria também apresentou uma evolução similar. Após ter um período com certo crescimento ao longo da década de 2000, atingindo um pico em 2010, a queda foi acentuada em praticamente todos os setores. A queda da lucratividade na indústria extrativa foi mais forte após 2014, seguindo o movimento de preço das commodities. Na indústria de transformação houve quedas seguidas da lucratividade a partir de 2010, atingindo o valor mínimo em 2015 (com margem de lucro negativa para o total da indústria), porém esse movimento também foi bastante desigual, sendo mais significativo em certos setores.

Outro fato que chama atenção durante a crise é a queda mais significativa da margem líquida (que desconta o resultado financeiro) em relação à margem operacional, o que demonstra o peso das despesas financeiras relativas ao aumento do endividamento das empresas industriais. A margem líquida de

lucro da indústria de transformação após atingir 11,8% em 2010 – valor mais alto da série – caiu para -6% em 2015, auge da crise. Os dados de 2017 demonstraram que a breve recuperação de 2016 pouco se sustentou para consolidar um retorno ao patamar médio do período anterior a 2008.

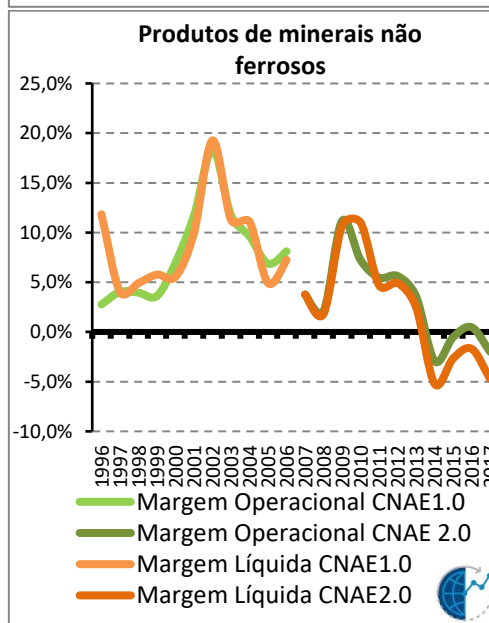
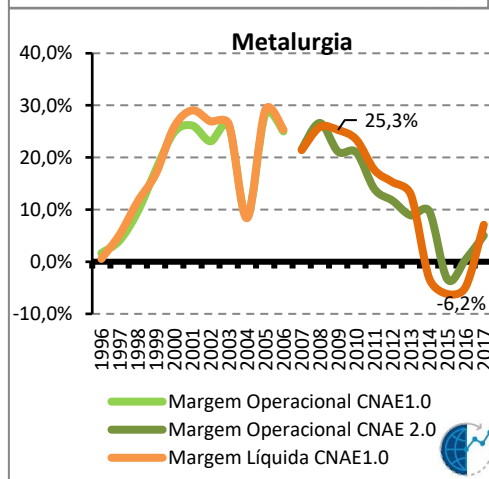
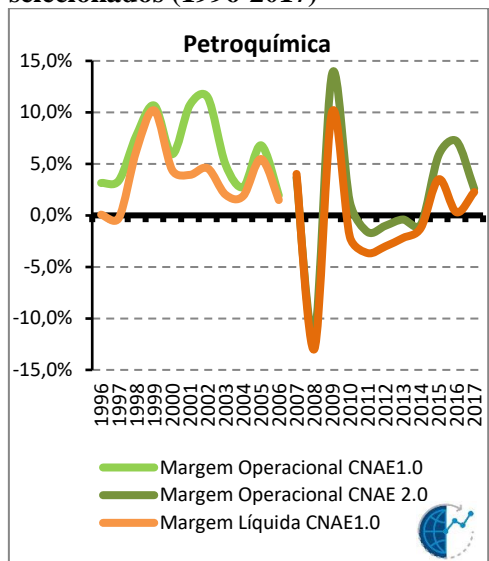
**Gráfico 02 – Margem operacional e líquida de lucro – Indústria de transformação (1996-2017)**



Fonte: Elaboração própria Cecon/IE-Unicamp, a partir da PIA-Empresa.

De modo geral, para os setores de insumos básicos a queda foi mais acentuada e a estabilização de um cenário de baixa lucratividade parece ter ocorrido após 2010. Sendo setores intensivos em capital, a queda da lucratividade é preocupante principalmente em termos dos efeitos multiplicadores que os investimentos desses setores possuem. O Gráfico 03 demonstra a evolução das margens de lucro tomando os valores totais das atividades ligadas à indústria petroquímica, metalurgia e fabricação de produtos de minerais não metálicos. grosso modo, o gráfico representa bem o movimento em geral das margens de lucro dos insumos básicos ao longo dos anos 2000.

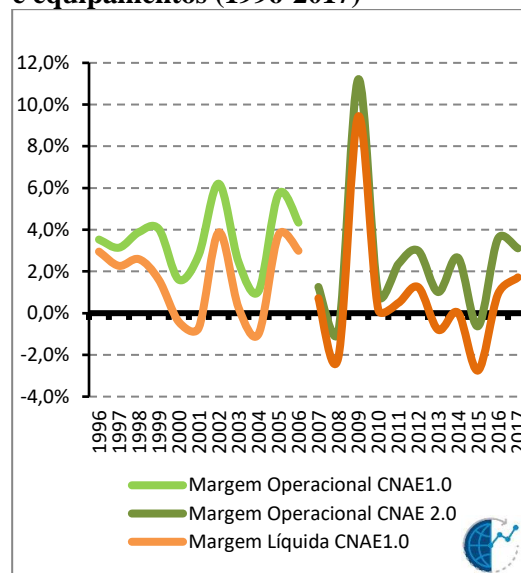
**Gráfico 03 – Margem operacional e líquida de lucro – Insumos básicos, setores selecionados (1996-2017)**



Fonte: Elaboração própria Cecon/IE-Unicamp, a partir da PIA-Empresa.

Os setores de bens não duráveis apresentaram, em geral, margens de lucro mais estáveis e mais positivas que os setores de insumos básico. No caso dos bens de capital, o movimento das margens foi bem similar aos de insumos básico, oscilando em um patamar bem inferior ao período pré-crise de 2008. O caso específico do setor de máquinas e equipamentos representa bem o comportamento das margens de lucro após 2010 para o setor de bens de capital como um todo.

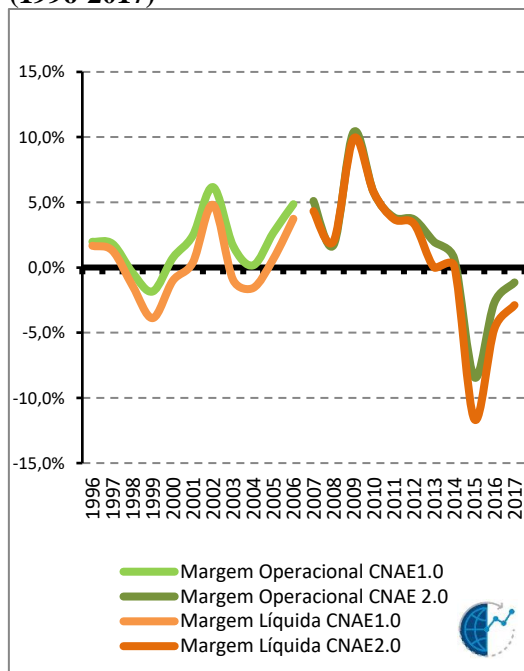
**Gráfico 04 – Margem operacional e líquida de lucro – fabricação de máquinas e equipamentos (1996-2017)**



Fonte: Elaboração própria Cecon/IE-Unicamp, a partir da PIA-Empresa.

Por fim, entre os setores relevantes da indústria local, o setor automotivo merece atenção especial por conta dos efeitos de encadeamento de sua produção. Para o setor automotivo, 2009 é o ano de maior lucratividade da série, apresentando queda contínua até 2015. Após 2015, o setor acumula prejuízos e notícias de fechamento de plantas produtivas, com a queda da lucratividade ameaçando encerrar parte das operações de pelo menos duas grandes montadoras no Brasil.

**Gráfico 05 – Margem operacional e líquida de lucro – fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (1996-2017)**



Fonte: Elaboração própria Cecon/IE-Unicamp, a partir da PIA-Empresa.

Embora seja um retrato de 2017, a evolução da lucratividade da indústria brasileira representa um bom modo de avaliar os efeitos desiguais da crise nos diferentes setores produtivos. A baixa rentabilidade dos investimentos e a consequente baixa taxa de reposição do estoque de capital fixo, costumeiramente, estão também associadas ao aumento do hiato tecnológico em relação ao padrão de produção mundial e, logo, a perda de competitividade. Não há dúvida de que a atual crise contribuiu ainda mais para o cenário de fragilização da indústria brasileira. Indústria que, de forma preocupante, está para aderir a um tratado de livre comércio com a União Europeia.



## ANEXO:

Resultados obtidos a partir da reorganização das contas da PIA-Empresa (vários anos), adotando os seguintes indicadores:

*Lucro Bruto:* Receita Líquida de Vendas menos os Custos Totais de Produção.

*Lucro Operacional:* Lucro Bruto menos Despesas Operacionais e Gastos de Pessoal, sendo somado ao resultado as Demais Receitas Operacionais e Receitas por Arrendamento e Aluguéis.

*Lucro Líquido:* Resultado Operacional menos o Resultado Não Operacional e o Resultado Financeiro.

*Margem Operacional:* Lucro Operacional sobre Receitas Líquidas de Venda.

*Margem Líquida:* Lucro Líquido sobre Receitas Líquidas de Venda.